

ROMANA XEREZ

JAIME R. S. FONSECA

Capital social e redes de vizinhança nas cidades: o caso do bairro de Alvalade

Análise Social, LIV (3.º), 2019 (n.º 232), pp. 562-593

<https://doi.org/10.31447/AS00032573.2019232.06>

ISSN ONLINE 2182-2999

EDIÇÃO E PROPRIEDADE

Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. Av. Professor Aníbal de Bettencourt, 9
1600-189 Lisboa Portugal — analise.social@ics.ul.pt



Capital social e redes de vizinhança nas cidades: o caso do bairro de Alvalade. Este artigo analisa a importância do capital social e das redes de vizinhança, através de uma investigação desenvolvida no bairro de Alvalade, em Lisboa. Os autores discutem as diferentes perspetivas teóricas sobre esta temática e descrevem o Plano de Alvalade — paradigma do urbanismo em Portugal. O artigo aplica métodos mistos, desenvolvidos com a integração de dados qualitativos, provenientes da etnografia urbana e de entrevistas, e de dados quantitativos, provenientes do inquérito por questionário. Os resultados respondem a cinco questões de investigação que evidenciam diferenças na estrutura, confiança e reciprocidade, nos recursos e envolvimento, e identificam as características dos residentes, que explicam a dinâmica do capital social e das redes de vizinhança nas cidades.

PALAVRAS-CHAVE: capital social; redes sociais; bairro de Alvalade; comunidade.

Social capital and neighborhood networks in cities: the case of the Alvalade neighborhood. This article analyzes the importance of social capital and neighborhood networks, through research undertaken in the Alvalade neighborhood (*bairro*), Lisbon. The authors analyze the different theoretical perspectives on this topic and describe the Alvalade master plan — considered an urban planning paradigm in Portugal. The article applies the mixed methods developed with the integration of qualitative data from urban ethnography and interviews, and of quantitative data, derived from the survey. The results respond to five research questions that highlight differences in structure, trust and reciprocity, the resources, and involvement, and we identify the characteristics of the residents that explain the dynamics of the social capital and of the neighborhood in cities.

KEYWORDS: social capital; neighborhood networks; bairro de Alvalade; community.

ROMANA XEREZ

JAIME R. S. FONSECA

Capital social e redes de vizinhança nas cidades: o caso do bairro de Alvalade

INTRODUÇÃO

Temos assistido, nos últimos anos, ao crescimento do interesse sobre o capital social, o que originou variedade de perspectivas e alguma confusão do conceito. Este artigo analisa, de forma empírica, o conceito de capital social através da discussão da investigação sobre redes de vizinhança em Lisboa. O valor dos recursos sociais das redes de vizinhança tornou-se um assunto importante na investigação, com aplicações relevantes, como a consequente melhoria da vida na cidade e o fortalecimento das suas comunidades. O interesse pelas questões de comunidade e redes de vizinhança surgiu no final do século XIX, a partir dos trabalhos de Ferdinand Tönnies (1955 [1887]). O crescimento das cidades destacou duas formas diferentes de vivência urbana e rural. Até aos anos 60, as comunidades e as redes de vizinhança foram geralmente consideradas incompatíveis com o processo de urbanização, ou seja, eram vistas como características das áreas rurais. No entanto, a evidência científica demonstrou que as redes sociais de vizinhança continuam a existir nas cidades, e que são fundamentais no apoio às pessoas e à própria sustentabilidade dos bairros. O capital social é um recurso para pessoas e comunidades (Small, 2004, 2009; Carmo, 2010), promove a cooperação entre indivíduos (Putnam, 1995; Fukuyama, 1996; Portes, 1998; Briggs, 2003) e sustenta que onde mais prosperam a confiança e as redes sociais, mais prosperam os indivíduos, empresas, bairros e, até mesmo, as nações (Putnam, 2000).

A discussão do capital social, a partir da perspectiva das redes sociais, tornou-se recentemente uma área de interesse crescente (Paxton e Moody, 2009; Glanville e Bienenstock, 2009; Browning, 2009). A análise do capital

social requer no mínimo três componentes (Glanville e Bienenstock, 2009): (1) estrutura de rede, (2) confiança e reciprocidade, e (3) recursos. A partir do estudo empírico, desenvolvido no bairro de Alvalade, os autores discutem o conceito de capital social na perspectiva da análise de redes sociais, analisando a sua importância na valorização dos bairros, das cidades e das comunidades. O estudo levanta as seguintes questões de investigação:

- QI₁ Qual é a estrutura da rede de vizinhança?
- QI₂ O que é a confiança e a reciprocidade entre os vizinhos?
- QI₃ Quais são os recursos da rede de vizinhança?
- QI₄ Qual é o envolvimento na comunidade?
- QI₅ Quais são as características dos residentes que explicam a dinâmica do capital social e das redes sociais no bairro de Alvalade?

A discussão do caso de Alvalade, um bairro no centro da cidade de Lisboa, é uma contribuição teórica e empírica para o debate sobre capital social, para a sua aplicação na dinamização das redes de vizinhança e melhoria das comunidades e bairros.

PERSPETIVAS SOBRE O CAPITAL SOCIAL NAS CIDADES

O capital social é um dos conceitos mais discutidos em ciências sociais, cruzou as fronteiras da Academia e conseguiu o que raramente acontece: veio para a vida quotidiana. A primeira referência ao capital social surgiu em 1916, com Lyda Judson Hanifan, que introduziu a ideia para destacar a importância do envolvimento da comunidade nas escolas bem-sucedidas. No entanto, o conceito de capital social foi amplamente divulgado apenas na década de 80, por Bourdieu; rapidamente se tornou central na sociologia e na ciência política (Burt, 1997), assumindo também grande importância noutras áreas, tais como na organização e gestão de recursos humanos (Burt, 1992, 2000, 2009; Kreb, 2008) ou na política social (Briggs, 2003, 2008; Small, 2004, 2009a, 2009b). Embora não tenha estudado diretamente o capital social, Magalhães (2008) analisa, num dos raros estudos empíricos desenvolvidos em Portugal, a influência das redes sociais numa outra área importante — na participação eleitoral —, e conclui a sua influência sobre a decisão de votar. Em 1998, a SOCNET, a *mailing list* da rede internacional para análise das redes sociais (INSNA), despertou o debate sobre a génese deste conceito (Borgatti, 1998; Borgatti, Jones e Everett, 1998), depois do qual ficou estabelecido que as redes sociais nas cidades tinham sido os grandes promotores da discussão que levou à disseminação do conceito de capital social, na década de 60.

Jane Jacobs (1993 [1961]) analisou a importância das redes nos bairros das cidades, referindo:

Estas redes são um insubstituível capital social das cidades e sempre que haja perda de capital, independentemente da causa, o proveito dele desaparece, nunca mais voltando, a menos que o novo capital seja acumulado devagar e de forma incerta [Jacobs, 1993 [1961], p. 138].

No mesmo período, o trabalho do antropólogo sueco Hannerz (1969) num bairro de Washington usou o termo capital social para se referir aos recursos manifestados em favores e amizade para sobreviver à pobreza.

A investigação pioneira de Granovetter (1973) sublinhou a importância da força das redes fracas (*bridging*), demonstrando que as redes fortes (*bonding*) tendiam a ser grupos em que os elementos se conheciam e a informação se tornava redundante e ineficiente. Também considerou que as redes fracas eram mais eficazes na medida em que a informação circulada entre os elementos seja entendida como novidade, devido ao seu baixo nível de conhecimento. A ligação entre conhecidos permitiu receber informações de outros contactos, o que facilitou o acesso a recursos como emprego ou a promoções de forma mais rápida. Apesar de não ter utilizado o conceito, este trabalho levou Granovetter a desenvolver uma teoria sobre o capital social a partir da perspectiva de análise de redes sociais (Borgatti et al., 2009).

No início dos anos 80, Bourdieu (1980) introduziu num artigo o conceito de capital social na sociologia, o que pode explicar o “silêncio” em torno do seu trabalho, quebrado apenas cinco anos mais tarde com a publicação do artigo em inglês e, de seguida, com o artigo de Coleman (1988) abrindo a discussão sociológica.

Robert Putnam tomou uma posição central nas discussões sobre o capital social. A sua ideia é baseada no princípio de que as redes sociais têm valor. No seu livro *Bowling Alone*, Putnam (2000) analisou o fenómeno do declínio do jogo de *bowling* e verificou que, apesar da crescente popularidade deste jogo americano, a sua prática tem diminuído. Isso reflete uma mudança no país, correspondendo à diminuição da vida comunitária e ao colapso das instituições civis. A pesquisa revelou a alteração desta situação e salientou a importância das virtudes do valor das redes sociais.

Apesar de a ideia sobre o declínio da comunidade americana ter sido o tema central da obra de Putnam, nem todos os investigadores concordaram com esta perspectiva. Paxton (1999) analisou as estatísticas sobre capital social nos Estados Unidos e concluiu que os resultados não suportam a tese desenvolvida por Putnam – o capital social não estava em declínio: nem nos

indivíduos, nem nas instituições. Fischer (2005) também apontou razões para discordar de Putnam, em especial com a interpretação do conceito de capital social, argumentando que o declínio revelado não foi constante em todos os indicadores e que, embora muitos detalhes do envolvimento político tenham evidenciado declínio, os que se referiam à sociabilidade mostraram-se inconsistentes. Outro exemplo importante, analisado por Fischer, demonstra que entre 1967 e 1987 a percentagem de americanos que formaram um grupo para ajudar a resolver problemas locais aumentou de 14% para 17%. Putnam também ignorou a importância da internet e o seu impacto positivo nas redes sociais. O crime é outro exemplo: o aumento da taxa de criminalidade entre 1965 e 1990, referido por Putnam como sinal de maior desintegração social, é contrariado por Fischer, que argumentou haver no mesmo período uma diminuição no número de vítimas.

Apesar de ter sido muito divulgado, o conceito de capital social foi especialmente desenvolvido em termos teóricos, havendo falta de estudos empíricos, segundo Lin (2008). Uma das perspectivas relevantes, como temos vindo a analisar, foi desenvolvida através da análise de redes sociais (Wellman et al., 2001; Granovetter, 1973; Borgatti, 1998; Lin, 2001, 2008; Moody e Paxton, 2009). Neste contexto, o capital social é identificado como sendo os recursos incorporados nas redes sociais que podem ser fornecidos ou gerados através das ligações das redes (Lin, 2008).

Na perspectiva das redes sociais, Lin (2008) propõe dois objetivos diferentes para o capital social: o instrumental e o expressivo. O primeiro visa obter recursos novos ou adicionais (por exemplo, encontrar um emprego melhor, uma promoção, a construção de uma escola); o segundo visa manter e preservar os recursos existentes (por exemplo, para assegurar um casamento ou conservar um bairro seguro). O capital social é um recurso para os indivíduos e para as comunidades porque promove a cooperação entre pessoas e instituições (Putnam, 1995; Fukuyama, 1995; Portes, 1998; Briggs, 2003). No entanto, a avaliação do capital social é afetada pela complexidade da medição de redes sociais, complexidade que aumenta na dimensão das redes fracas, uma vez que engloba mais do que a soma de laços fracos, captados através das oportunidades para novas informações e outros ativos que incluem, por exemplo, perspectivas sociais mais amplas (Neves e Fonseca, 2015).

O *bonding*, ou laços emocionais, e o *bridging*, ou construção de pontes, tornaram-se conceitos muito importantes no capital social, variando as suas vantagens consoante a finalidade pretendida (Lin, 2008). O *bonding* aumenta a homogeneidade e é adequado para a solidariedade e reciprocidade, ou seja, permite a sobrevivência (Putnam, 2000; Briggs, 2003; Granovetter, 2004; Lin, 2008), enquanto o *bridging* possibilita a ponte que estende o capital

social e facilita o acesso e disseminação da informação e inovação para o desenvolvimento. Os resultados das investigações em vários bairros de habitação pública têm mostrado, por exemplo, que as mulheres negras americanas que obtiveram empregos através de informações de vizinhos, portanto do *bonding*, obtinham salários mais baixos do que aquelas que conseguiram empregos através de informações fora do seu grupo de vizinhança, através de conhecidos, i. e., do *bridging* (Briggs, 2003).

Para que haja uma rede é necessário que haja reciprocidade e confiança (Putnam, 1995, 2000). A reciprocidade é a regra de ouro das redes sociais. Lin (2008) identificou três fontes de capital: (1) posição estrutural na rede, (2) localização e (3) objetivos da ação.

As redes sociais podem ser caracterizadas como: (1) sentimentos de partilha e de apoio mútuo, que acontece em redes densas e fortes, como aquelas que mantemos com os membros da nossa família, pessoas mais próximas e confiantes; (2) partilha de informação e recursos (onde nem todos os membros estão numa relação de reciprocidade, ou seja, há uma mistura de redes fortes e fracas; (3) interesses partilhados (onde as pessoas estão unidas num círculo com uma identidade social ou que sejam membros de uma comunidade, de uma igreja, de um clube, etc.). Estas redes fornecem aos seus membros um sentimento de pertença e uma estrutura de segurança e apoio, dentro da qual desenrolam o seu dia-a-dia.

O capital social depende da existência de redes sociais que forneçam as condições adequadas para o acesso aos recursos. Em geral, embora os atores de redes sociais possam ter acesso aos recursos de outros atores sociais com quem estão associados, tais como riqueza, poder, prestígio, etc., esses recursos podem gerar um retorno. Posto isto, depreende-se que o capital social desempenha um papel relevante nas comunidades, nos bairros, no desenvolvimento e manutenção dos espaços públicos e na coesão social (Forrest e Kearns, 2001; Middleton, Murie e Groves, 2005).

O LOCAL DE ESTUDO: BAIRRO DE ALVALADE

A investigação decorreu no bairro de Alvalade, que integrou até recentemente as freguesias de Alvalade, São João de Brito e Campo Grande, as quais correspondem atualmente à freguesia de Alvalade.

O bairro de Alvalade surgiu num período de forte crescimento urbano de Lisboa. O aumento da população acentuou o problema da falta de habitação e o governo procurou resolver esta situação criando uma política para a habitação. A expansão da cidade no início do século xx conduziu à expropriação de extensas zonas e à mudança de funções de muitas quintas e palácios.

FOTOGRAFIA 1
Chafariz de Alvalade



FOTOGRAFIA 2
Quinta dos Lagares d'El Rei



O Chafariz de Alvalade (fotografia 1), o Palácio dos Coruchéus ou a Quinta dos Lagares d'El Rei (fotografia 2) são alguns dos exemplos que ainda persistem desse período. Existia também neste território, à semelhança de outras zonas de Lisboa (Pereira, 1994), várias vilas e pátios. Embora alguns ainda existam, como é o caso da vila Afifense junto ao bairro das Estacas, outros foram recentemente demolidos, como é o caso dos que existiam na Travessa Henrique Cardoso.

O vasto território de Alvalade integrou, no início do século xx, novos objetivos de desenvolvimento urbanístico da cidade. Iniciou-se um processo de expropriação dos terrenos abrangidos pelo plano do arquiteto Faria da Costa. Inicialmente designado “Plano de Urbanização da Zona a Sul da Av. Alferes Malheiro” (atual Avenida do Brasil), alterou a designação para “Plano de Urbanização do Sítio de Alvalade”, em resultado da importância histórica do território, tal como referiu, numa das entrevistas realizadas na investigação, um dos arquitetos que participou na evolução deste projeto, Nuno Teotónio Pereira:

Na altura a designação de Plano de Urbanização da Zona a Sul da Av. Alferes Malheiro levantou grande discussão sobre o nome a atribuir, houve até artigos na imprensa. Até que alguém, penso que um historiador, sugeriu Alvalade, pelas razões históricas de ali se ter travado a batalha com a mesma designação, e assim ficou a designação de Plano de Alvalade.¹

O Plano de Alvalade insere-se no âmbito do Plano Diretor de Urbanização de Gröer, da expansão da cidade, que foi muito marcado pelas suas ideias. Este bairro foi considerado exemplo do urbanismo português (Portas, 1973; Tostões, 1994; Janarra, 1994; Pereira, 1998; Alegre et al., 1999; Baptista, 1999; Costa, 2002; Coelho e Coelho, 2009).

Marcado por influências estrangeiras, o desenho de Alvalade teve igualmente a marca da ação dos jovens arquitetos modernistas que beneficiaram da expansão das obras públicas e do primeiro congresso de arquitetura em Portugal, em 1948.

O Plano integrou uma área de 230 hectares, limitada a Norte pela Av. do Brasil; a Nascente, pela Av. Gago Coutinho; a Sul, pela via-férrea; e a Poente, pela Rua de Entrecampos. O Plano continha oito células (unidades de vizinhança) e visava a construção em larga escala de casas de renda económica (Nunes, 2013) para fomentar a coexistência das diversas categorias sociais, segundo a tradição Lisboaeta (Câmara Municipal de Lisboa, 1948). Os valores

1 O arquiteto Nuno Teotónio Pereira fez parte das pessoas entrevistadas nesta investigação, foi um dos quatro arquitetos e urbanistas que integraram o conjunto das dezassete entrevistas realizadas, conforme iremos analisar na secção da metodologia.

do Estado Novo evidenciavam-se no desenho urbano, na importância dada à habitação na unidade familiar e no relevo posto na “miscigenação de populações e hierarquização espacial” (Baptista, 1999, p. 167).

O Plano de Alvalade integrou também projetos de jovens arquitetos modernistas, como Formosinho Sanches e Ruy d’Athougia (1954), responsáveis pelo emblemático bairro das Estacas, galardoado com o prémio Valmor em 1954 e com o prémio de arquitetura na Bienal de S. Paulo. O bairro tinha uma extensa superfície verde, cuja conceção foi entregue ao arquiteto paisagista Gonçalo Ribeiro Telles (1953).

Este território funciona como um ícone na cidade de Lisboa. Na sua génese era um bairro residencial de classe média baixa, pensado a partir do conceito de vizinhança; tem sido, desde o início, local de residência de grupos com diferentes classes sociais, sendo esta mistura uma das suas mais importantes características. Existem também novos residentes que remodelam as casas existentes ou que compram novas habitações a preços elevados. Apesar destas dinâmicas residenciais, Alvalade mantém a diversidade social que sempre caracterizou o bairro.

É um território associado, desde o seu início, à modernidade, e com referências quase icónicas para a cidade de Lisboa: edifícios e arquitetos, o filme *Verdes Anos*, o café Vá-Vá e as suas tertúlias, o espaço público, os largos passeios nalguns lugares, como o bairro de S. Miguel, o Mercado do Levante, ou algumas instituições como o Grupo Dramático “Ramiro José”.²

METODOLOGIA

Esta investigação sobre as redes de vizinhança no bairro de Alvalade foi desenvolvida através de um desenho transversal baseado numa estratégia de métodos mistos (Newman, 2003; Tashakkori e Teddlie, 1998; Clark e Creswell, 2010), segundo um plano sequencial. A estratégia integrou dados qualitativos, resultantes da etnografia urbana, e entrevistas, que foram fundamentais para o desenvolvimento do inquérito por questionário, o qual possibilitou a recolha de dados quantitativos. Seguiu-se a análise dos dados, a integração e a discussão dos resultados sobre o capital social.

2 O Grupo Dramático Ramiro José é uma instituição desportiva e cultural sem fins lucrativos. Foi formalmente constituído em 1923, esteve sediado na Travessa Henrique Cardoso até 2008, num emblemático edifício, que foi demolido devido às obras de alargamento da linha de caminhos-de-ferro, tendo então passado para a Rua João Villaret, n.º 13. O capital social desta coletividade, suportado numa rede de vizinhança, explica a sua continuação e dinamização atual.

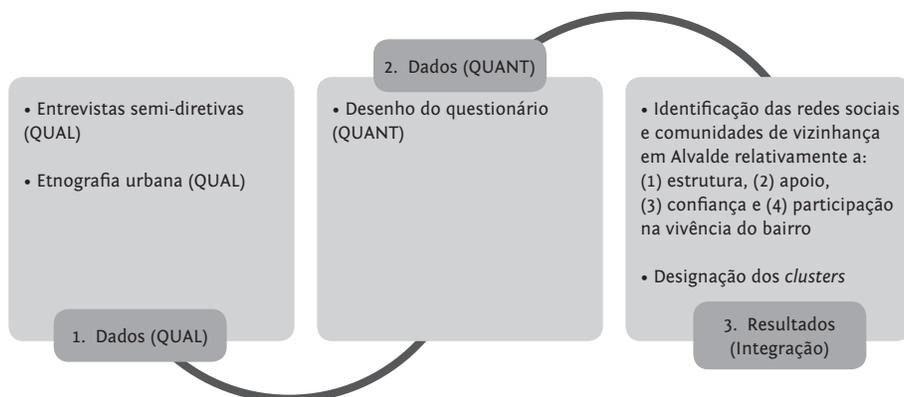
A figura seguinte apresenta o desenho dos métodos mistos de investigação, segundo um plano sequencial, com a integração de dados qualitativos e quantitativos. A etnografia urbana e as entrevistas permitiram a recolha de dados qualitativos (QUAL), fundamentais para o desenvolvimento do inquérito por questionário (QUANT). Os dados qualitativos e quantitativos foram integrados na identificação das redes sociais e comunidades de vizinhança, desenvolvendo os três *clusters* que emergiram na investigação (Quadros 1 e 2).

A primeira fase do trabalho de campo caracterizou-se por etnografia urbana, que decorreu durante cerca de sete meses, e entrevistas. A etnografia urbana foi desenvolvida com base nos trabalhos de Herbert Gans (1962, 1967), Suttles (1968, 1972), Hannerz (1969), Anderson (1978, 1990, 1999) e Venkatesh (2008), e teve como objetivos: conhecer o contexto urbano de Alvalade, analisar a natureza das redes sociais de vizinhança e avaliar a existência ou ausência de vivência em comunidade na cidade. O trabalho de etnografia urbana desenvolvido em vários territórios nacionais contribuiu para desenvolver a metodologia e interpretar este contexto urbano (Pina-Cabral, 1983; Costa, 1999; Cordeiro, Baptista e Costa, 2003).

As entrevistas foram efetuadas no período de investigação que decorreu durante cerca de 6 meses. No total foram realizadas 17 entrevistas ($n=17$); destas, 12 foram feitas a residentes do sexo masculino e feminino, com idades compreendidas entre os 16 e os 87 anos. Entre as pessoas com informação importante para o tema de investigação estavam: arquitetos e urbanistas, membros de instituições, como por exemplo o Grupo Dramático Ramiro José, o presidente da Junta de Freguesia de Alvalade e representantes dos residentes desta freguesia. Entre os arquitetos surgiram nomes fundamentais que estiveram no início da construção do bairro, como o caso de Nuno Teotónio Pereira.

FIGURA N.º 1

Desenho sequencial dos métodos mistos



Ao longo desta fase houve vivência na comunidade, nomeadamente no conhecimento dos atores sociais e das instituições. A informação foi registada num *diário de campo* e posteriormente codificada e analisada (Emerson, Fretz e Shaw, 1995).

As entrevistas iniciaram-se quase em simultâneo e a integração no quotidiano do território permitiu o contacto com os informantes. As entrevistas com arquitetos e urbanistas visaram compreender a importância da perspectiva de comunidade e redes vizinhança no desenho do Plano de Alvalade.

As entrevistas foram semi-directivas (Weiss, 1994; Newman, 2003; Schutt, 2004; Rubin e Rubin, 2005; Flick, 2009; Carmo e Ferreira, 2008; Bryman, 2008). As perguntas procuraram compreender a estrutura, dimensão e tipos de redes sociais de vizinhança, bem como analisar os tipos de apoio prestados entre vizinhos (apoio no dia-a-dia, na doença, financeiro, emocional ou outro) e a sua participação na comunidade (associações religiosas, recreativas, de moradores para resolver problemas da freguesia, etc.). O guião das entrevistas foi desenvolvido com a integração dos seguintes temas: opinião sobre o bairro; confiança nos vizinhos; análise da rede social de vizinhança; formas de capital social de vizinhança (tipos de apoio e frequência de apoio dos vizinhos); participação cívica no bairro e desenho urbano do bairro.

O desenvolvimento da etnografia urbana e as entrevistas antecederam a realização do inquérito por questionário, e foram estruturantes para o desenho do mesmo, uma vez que permitiram formular questões de investigação e compreender as redes de vizinhança (quais os tipos e as formas de recursos sociais partilhados entre vizinhos), bem como identificar os elementos estruturantes na vivência de uma comunidade urbana.

O inquérito por questionário foi realizado, na então designada freguesia de Alvalade (atualmente, esta corresponde a uma parte da atual freguesia com a mesma designação), numa amostra estratificada de 402 residentes ($n = 402$) maiores de 15 anos.

A análise de dados quantitativos pretendeu evidenciar a estrutura das respostas dos inquiridos sobre cada dimensão do capital social. Para o efeito, considerámos que a melhor maneira de descobrir essa estrutura latente consistiria em utilizar técnicas de *clustering*. Entre elas, optámos pela estimação de modelos de classes latentes, os quais apresentam diversas vantagens sobre os tradicionais modelos de agrupamento – *Hierarchical Cluster Analysis* (Lazarsfeld e Henry, 1968; Fonseca, 2009; Fonseca, 2013a; Fonseca, 2013b; Fonseca e Cardoso, 2007; Fonseca e Xerez, 2013). Para o efeito, utilizámos o software Latent GOLD 5.0.

Os Modelos de Classes Latentes (MCL) são uma técnica de análise de agrupamento usada para encontrar as classes latentes (ou subtipos) de dados

multivariados (Neves e Fonseca, 2015): identifica as classes latentes ou *clusters* necessários para explicar as associações entre um conjunto de variáveis observadas e distribui as observações pelas classes (Fonseca, 2009). Para a seleção do melhor modelo, isto é, para a seleção do número de *clusters*, usamos o critério de informação AIC₃, já que todos os indicadores usados são variáveis categorizadas (Fonseca e Cardoso, 2007).

ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A discussão dos resultados, nesta secção, refere-se particularmente à análise de *clusters*, desenvolvida a partir dos dados do inquérito por questionário. São discutidos os elementos do conceito de capital social, conforme analisado na revisão da literatura: (1) estrutura da rede de vizinhança; (2) confiança e reciprocidade; (3) recursos. Foi também introduzido um quarto elemento, o envolvimento na comunidade, e, também, a análise das covariáveis para a melhor compreensão dos residentes deste bairro. A análise dos dados tem em vista obter respostas para as cinco questões de investigação propostas.

Q1₁: QUAL É A ESTRUTURA DA REDE?

A estrutura da rede foi medida através dos seguintes indicadores: (1) número de pessoas que vive na mesma residência; (2) conhecimento dos vizinhos; (3) saber o nome dos vizinhos; e (4) local de residência dos membros da família, amigos e colegas de trabalho com quem mais se relaciona.

A aplicação dos Modelos de Classes Latentes permitiu descobrir uma estrutura de três classes; o quadro 1 apresenta as estimativas dos parâmetros do modelo (probabilidades), que devem ser interpretadas do seguinte modo: as probabilidades apresentadas na linha 1 deste quadro representam as probabilidades de pertença a cada classe, isto é, dos indivíduos inquiridos – de acordo com os indicadores usados, 53% foram considerados semelhantes e classificados na classe 1; 25% foram considerados semelhantes e classificados na classe 2; e 22% foram considerados semelhantes e classificados na classe 3.

As restantes probabilidades do quadro são condicionais e devem ser interpretadas como se segue: em relação à variável casa, 0.2652, 0.2837 e 0.7759 são as probabilidades dos inquiridos que responderam *vivo sozinho/a*, condicionadas por os inquiridos terem sido classificados nas classes 1, 2 e 3, respetivamente. Porque 0.7759 é a maior das três probabilidades, *vivo sozinho/a* constitui uma característica da classe 3 (conforme Quadro 2). Raciocinando desta maneira, surgem os perfis dos inquiridos, apresentados no quadro 2.

QUADRO 1

Estimativas dos parâmetros do modelo com três classes latentes sobre a estrutura da rede social

Dimensão dos clusters	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3
	(53%)	(25%)	(22%)
Quantas pessoas vivem em sua casa?			
Vivo sozinho/a	0.2652	0.2837	0.7759
2 a 3	0.5398	0.5452	0.2079
4 a 5	0.1887	0.1656	0.0161
6 ou mais	0.0063	0.0055	0.0001
Relativamente aos vizinhos podem dizer que:			
Não conhece as pessoas	0.0023	9.59E-02	0.0157
Conhece poucas pessoas	0.0896	0.5636	0.2675
Conhece muitas pessoas	0.2544	0.2445	0.3357
Conhece a maioria das pessoas	0.6536	0.096	0.3811
Quantos vizinhos conhecem pelo nome?			
Nenhum	0.0071	0.1407	0.0398
1 a 3	0.096	0.4931	0.288
4 a 7	0.1952	0.2588	0.3119
8 a 12	0.2475	0.0847	0.2106
13 a 19	0.1888	0.0167	0.0856
Mais de 20	0.2655	0.0061	0.0641
Onde residem os familiares?			
Alvalade	0.2527	0.0801	0.2245
Próximo de Alvalade	0.2128	0.1191	0.0215
Lisboa	0.2724	0.2436	0.2305
Área Metropolitana de Lisboa	0.0973	0.2024	0.2669
Outra parte do país	0.129	0.2399	0.2351
Estrangeiro	0.0358	0.1149	0.0215
Onde residem os amigos?			
Alvalade	0.3205	0.0619	0.3385
Próximo de Alvalade	0.1516	0.1156	0.0008
Lisboa	0.3563	0.2968	0.291
Área Metropolitana de Lisboa	0.128	0.3692	0.3489
Outra parte do país	0.0435	0.0991	0.0206
Estrangeiro	0	0.0574	0.0001

Dimensão dos clusters	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3
	(53%)	(25%)	(22%)
Onde residem os colegas?			
Alvalade	0.1165	0.0612	0.2502
Próximo de Alvalade	0.1867	0.1353	0.0444
Lisboa	0.392	0.3569	0.4368
Área Metropolitana de Lisboa	0.2091	0.3836	0.2258
Outra parte do país	0.0779	0.0247	0.0215
Estrangeiro	0.0179	0.0383	0.0001

Assim, a rede do bairro de Alvalade está organizada em três tipos básicos de estrutura, respondendo desta maneira à Q_1 . O primeiro tipo corresponde ao *cluster 1*, caracterizado no quadro 2, representando uma rede densa, composta por famílias maiores, e que permanecem em contacto, especialmente no bairro. De um modo geral, este *cluster* é composto por famílias com quatro a sete pessoas que vivem na mesma casa, sendo este um indicador de famílias mais numerosas, podendo ser constituída pelo cônjuge e filhos. Estes inquiridos referiram conhecerem a maioria dos seus vizinhos e sabiam o nome de oito ou mais. A sua rede pessoal, ou seja, as pessoas com quem mais se relacionavam — família, amigos e colegas de trabalho —, normalmente viviam no bairro de Alvalade ou nas imediações. No caso dos membros da família, na generalidade residiam neste bairro ou num próximo (cerca de 20 minutos a pé), e noutros locais de Lisboa; os amigos também residiam nestes locais e os colegas de trabalho na mesma freguesia, em Lisboa e noutras partes do país. Esta rede apresenta uma escala local.

O segundo tipo, o *cluster 2*, inclui aqueles que vivem com menos pessoas na mesma casa, cerca de três a quatro. Neste caso, as famílias são menores, apenas com um ou dois filhos. A rede pessoal não se limita à freguesia de Alvalade ou à sua proximidade, sendo mais vasta e alargando-se ao domínio nacional (outras áreas do país), e até mesmo ao estrangeiro. Os membros da família com quem têm uma ligação mais próxima vivem noutras zonas do país ou no estrangeiro. Os amigos vivem mais distantes e na Área Metropolitana de Lisboa (AML), e alguns colegas também vivem no exterior.

O terceiro tipo, o *cluster 3*, é diferente e possui uma estrutura menos densa. É basicamente composto por pessoas que vivem sozinhas, conhecem muitos

vizinhos, sabendo o nome de quatro a sete vizinhos. As pessoas com quem mais se envolvem são os membros da família que residem na AML, os amigos que vivem em Alvalade e colegas de trabalho que vivem em Alvalade e noutras partes de Lisboa.

QUADRO 2
Perfis da estrutura social

	Comunidade (53%)	Cidade (25%)	Aldeia (22%)
Quantas pessoas vivem em sua casa?	4 ou mais	2 a 3	Vivo sozinho/a
Relativamente aos vizinhos podem dizer que:	Conhecem a maioria das pessoas	Não conhecem ou conhece poucas pessoas	Conhecem muitas pessoas
Quantos vizinhos conhecem pelo nome?	8 ou mais	Até 3	4 a 7
Onde residem os familiares?	Alvalade; perto de Alvalade; Lisboa	Outras partes do país ou estrangeiro	Área Metropolitana de Lisboa
Onde residem os amigos?	Próximo de Alvalade; Lisboa	Área Metropolitana de Lisboa; Outras partes do país ou estrangeiro	Alvalade
Onde residem os colegas?	Próximo de Alvalade; Outras partes do país	Área Metropolitana de Lisboa ou estrangeiro	Alvalade; Lisboa

QI₂: QUAL É A CONFIANÇA E A RECIPROCIDADE COM OS VIZINHOS?

A confiança é um elemento fundamental nas redes sociais, pois altos níveis de confiança facilitam a ligação entre as pessoas, aumentam os recursos das redes e promovem a reciprocidade. Esta questão analisa a segunda componente do capital social (ver Quadros 3 e 4), através dos seguintes indicadores: (1) confiança nos vizinhos; (2) nos últimos seis meses parou para conversar com um vizinho fora de sua casa; e (3) nos últimos seis meses fez ou recebeu o favor de um vizinho.

Os resultados mostram que grande parte dos inquiridos (53%), *cluster 1*, confia na maioria dos vizinhos e apresenta um elevado grau de confiança e reciprocidade — fez (recebeu) um favor a (de) um vizinho nos últimos seis meses.

Os inquiridos do *cluster 2* (25%) dependem menos de vizinhos, mantêm elevados níveis de confiança, mas reciprocidade mais baixa — não conversam com os vizinhos, não fazem nem recebem favores com a mesma frequência.

Os inquiridos do *cluster 3* (22%) mostram desconfiança dos vizinhos, não conversam com eles e não têm indicadores de reciprocidade, nem de favores. Há também heterogeneidade no que diz respeito à *confiança e à reciprocidade com os vizinhos*, documentada pela existência dos três *clusters* que acabámos de descrever.

QUADRO 3

Estimativas dos parâmetros do modelo com três classes latentes sobre a confiança e reciprocidade nos vizinhos

Dimensão dos clusters	Cluster 1	Cluster 2	Cluster 3
	(53%)	(25%)	(22%)
Confiança			
Não confia nas pessoas de Alvalade	0.0086	0.0289	0.0326
Confia em poucas pessoas de Alvalade	0.1443	0.2731	0.2894
Confia em muitas pessoas de Alvalade	0.4146	0.4412	0.4386
Confia na maioria das pessoas de Alvalade	0.4255	0.2545	0.2373
Não conhece as pessoas	0.007	0.0023	0.0021
Nos últimos 6 meses parou para conversar com vizinho?			
Sim	0.9908	0.5982	0.9993
Não	0.0092	0.4018	0.0007
Nos últimos 6 meses fez ou recebeu um favor de um vizinho?			
Sim	0.8516	0.3156	0.4538
Não	0.1484	0.6844	0.5462

QUADRO 4

Perfis sobre a confiança e reciprocidade nos vizinhos

	Comunidade (53%)	Cidade (25%)	Aldeia (22%)
CONFIANÇA	Confia na maioria das pessoas de Alvalade	Confia em muitas pessoas de Alvalade	Não confia nas pessoas de Alvalade; confia em poucas pessoas de Alvalade
CONVERSA	—	Não	Não
FAVOR	Sim	Não	—

Q1₃: QUAIS SÃO OS RECURSOS DA REDE?

A terceira componente do capital social — recursos das redes sociais — discute o valor das redes. Família, amigos, colegas de trabalho, conhecidos e até mesmo algumas instituições são uma fonte de capital social. Fornecem apoio financeiro e emocional, fazendo pequenos favores, como por exemplo, olhar pela casa dos vizinhos quando estão ausentes, acompanhar ou ser acompanhado numa ida ao médico, convidados para uma festa ou jantar com os vizinhos, etc.

As seguintes questões foram também consideradas nesta componente: (1) com quantas pessoas (marido, mulher, companheiro/a, familiares, amigos, vizinhos, colegas de trabalho e outros) discutem assuntos pessoais, pedem ajuda, aconselhamento ou apoio; (2) a que pessoas costumam recorrer em momentos de doença, dificuldades financeiras ou crise pessoal: cônjuges, colegas de trabalho, familiares, amigos, vizinhos, instituições de solidariedade ou preferem não pedir ajuda; (3) no último ano, olharam pela casa dos vizinhos, ajudaram ou tiveram ajuda destes numa ida ao médico, convidaram-nos ou foram convidados para uma festa ou jantar, deram ou receberam um presente, fizeram atividades de tempo livre juntos e perguntaram se precisavam de alguma coisa quando foram às compras, cumprimentaram-se e ajudaram-se.

O conhecimento e a ajuda entre vizinhos caracterizam as redes, o que na opinião dos moradores torna o local numa *comunidade*, conforme os dados recolhidos nalgumas entrevistas realizadas aos residentes:

Isto parece uma *comunidade*, as pessoas conhecem-se, cumprimentam-se e ajudam-se. Recentemente tive problemas com o gás e foi a vizinha do primeiro andar que me ajudou, mas também já tive alguns apoios dos vizinhos com a minha filha de seis anos. [Ana, 34 anos]

Estas redes sociais são importantes na vivência do espaço público e nas funções urbanas, tais como o comércio e a utilização de equipamentos coletivos. As redes de vizinhança no bairro de Alvalade são uma forte componente da vida da comunidade, para a qual também contribuiu o Plano de Alvalade — considerado um paradigma do urbanismo em Portugal, que incluiu a mistura social, a integração de diferentes tipologias habitacionais, amplos passeios, espaços verdes, parques e unidades de vizinhança (Xerez, 2015).

O que eu notei logo quando para cá vim foi a ideia de *comunidade*. O facto de haver um pequeno mercado (de rua junto ao bairro das Estacas) influencia essa comunidade, cria um certo núcleo de pessoas que vão ao mercado, e eu integrei-me facilmente como cliente *habitué*. Eu não gosto de comprar os frescos sem os tocar, sem os cheirar... vamos ao talho e estamos a recorrer às compras *online* e ao comércio tradicional. [Mariano, 32 anos]

A estrutura urbanística do bairro, desenhada nos anos 40, tem sido importante para a vivência de novas gerações que residem mais recentemente em Alvalade e que apreciam a convivência da comunidade. Além disto, podemos ainda encontrar outras práticas no *cluster 2* (cidade), como pode ser analisado nas entrevistas (ver Quadros 2, 4 e 6).

Só conheço a vizinha da frente, tem a minha chave, quando preciso de alguma coisa, ela ajuda-me. A minha família está na Venezuela, vivo sozinho, tenho confiança nos vizinhos, mas na *cidade* as pessoas não se relacionam muito, não acha? [António, 46 anos]

A referência à vivência no bairro como uma espécie de aldeia foi mencionada em várias entrevistas:

Estou há mais de 40 anos a residir neste prédio, é uma pequena *aldeia*. Aquela vida de vizinhos que há na aldeia acaba por se transpor um pouco. Eu sei que na cidade é diferente, mas acaba por ser a mesma coisa porque nós cruzamo-nos nas escadas, no *hall* e falamos: o fulano de tal está doente... Este prédio tem 12 andares, é uma espécie de rua de aldeia que em vez de ser em largura é em altura, falamos à porta... [Luísa, 62 anos]

Os sentimentos de desconfiança caracterizam algumas das relações de vizinhança, conforme analisado nalgumas entrevistas.

Isto (Alvalade) às vezes parece uma *aldeia*. Nalgumas zonas mais populares, as pessoas sabem a vida umas das outras, são desconfiadas... não vai encontrar muita gente que se preocupa com os vizinhos. [Maria, 68 anos]

As duas últimas transcrições clarificam o parâmetro da confiança, associado à vivência na *aldeia* e identificado no *cluster 3* (Quadro 4). Nele, encontramos as pessoas que referem que “não confiam nas pessoas de Alvalade” e as que “confiam em poucas pessoas de Alvalade”. As entrevistas refletem esta situação: a primeira (Luísa) revela os sentimentos de confiança em poucas pessoas, enquanto a segunda (Maria) revela os sentimentos de desconfiança.

Interpretando os quadros 5 e 6, conclui-se que os membros da família, vizinhos, colegas de trabalho e conhecidos são uma importante fonte de apoio financeiro, económico e emocional. Mas para a maioria dos inquiridos, os vizinhos constituem uma rede de apoio disponível: ajudam nas compras ou na ida ao médico, em situações de crise pessoal, olham pela casa e são seus convidados, trocam pequenos presentes e fazem atividades de lazer em conjunto.

Este tipo de ligações e recursos é particularmente forte no *cluster 1*, que representa mais de metade dos inquiridos (53%). Revelou um forte dinamismo,

QUADRO 5

Estimativas dos parâmetros do modelo com três classes latentes sobre os recursos das redes

<i>Dimensão dos clusters</i>	<i>Cluster 1 (53%)</i>	<i>Cluster 2 (25%)</i>	<i>Cluster 3 (22%)</i>
Das pessoas que não vivem consigo, com quantas discute assuntos pessoais, pede ajuda, conselhos ou apoio? Familiares próximos (irmãos, sogros, pais, filhos).			
0	0.0772	0.1603	0.1278
1 a 3	0.6159	0.6812	0.672
4 a 6	0.2382	0.1403	0.1712
7 a 10	0.0465	0.0146	0.022
11 ou mais	0.0222	0.0037	0.0069
Familiares mais afastados (primos e tios)			
0	0.5934	0.7443	0.7403
1 a 3	0.331	0.2304	0.2335
4 a 6	0.0531	0.0205	0.0212
7 a 10	0.0225	0.0048	0.0051
Amigos			
0	0.0733	0.1317	0.1684
1 a 3	0.3733	0.4537	0.4803
4 a 6	0.4189	0.3447	0.3019
7 a 10	0.1064	0.0593	0.043
11 ou mais	0.0282	0.0106	0.0064
Vizinhos			
0	0.3514	0.9197	0.6745
1 a 3	0.5065	0.0792	0.3028
4 a 6	0.1157	0.0011	0.0215
7 a 10	0.0175	0	0.001
11 ou mais	0.0089	0	0.0002
Colegas			
0	0.2229	0.3474	0.6784
1 a 3	0.4266	0.4406	0.2836
4 a 6	0.2399	0.1642	0.0348
7 a 10	0.095	0.0431	0.003
11 ou mais	0.0157	0.0047	0.0001

[cont.]

Outras pessoas			
0	0.8719	0.9061	0.9196
1 a 3	0.1081	0.0848	0.0743
4 a 6	0.0061	0.0036	0.0027
7 a 10	0.0067	0.003	0.002
11 ou mais	0.0072	0.0024	0.0014
A que pessoas habitualmente recorre em situação de doença?			
Marido, mulher, companheiro/a	0.6771	0.6861	0.161
Familiar próximo que vive fora do lar	0.2748	0.159	0.3818
Familiar afastado que vive fora do lar	0.0001	0.0002	0.1479
Amigo	0.0477	0.135	0.0346
Vizinho	0	0.0001	0.0634
Colega	0	0.0191	0
Instituição de solidariedade, voluntariado	0	0.0001	0.0634
Prefere não pedir ajuda	0.0001	0.0003	0.1479
A que pessoas habitualmente recorre em situação de falta de dinheiro?			
Marido, mulher, companheiro/a	0.3916	0.5391	0.0033
Familiar próximo que vive fora do lar	0.3395	0.2329	0.2743
Familiar afastado que vive fora do lar	0.0521	0.0219	0.128
Amigo	0.0552	0.1115	0.0005
Colega	0.0089	0.0192	0.0001
Instituição de solidariedade, voluntariado	0.0178	0.0001	0.0001
Prefere não pedir ajuda	0.1262	0.0753	0.5085
Nunca precisou de pedir ajuda	0.0087	0.0002	0.0853
A que pessoas habitualmente recorre em situação de crise pessoal?			
Marido, mulher, companheiro/a	0.3599	0.3394	0.0021
Familiar próximo que vive fora do lar	0.1902	0.1824	0.3443
Familiar afastado que vive fora do lar	0.0179	0.0002	0.0847
Amigo	0.3399	0.4391	0.2574
Vizinho	0.0443	0.0002	0.0432
Colega	0.0269	0.0382	0.0002
Instituição de solidariedade, voluntariado	0	0	0.0211
Prefere não pedir ajuda	0.0208	0.0004	0.2047
Nunca precisou de pedir ajuda	0	0.0001	0.0423

[cont.]

Dimensão dos clusters	Cluster 1 (53%)	Cluster 2 (25%)	Cluster 3 (22%)
No último ano com que frequência realizou estas atividades em colaboração com vizinhos?			
Olhar pela casa			
Nunca	0.5075	0.9523	0.5869
1 vez no ano	0.201	0.043	0.1972
2 a 6 vezes no ano	0.1905	0.0046	0.1585
7 a 12 vezes no ano	0.0276	0.0001	0.0194
1 vez por semana	0.0071	0	0.0043
Mais do que 1 vez por semana	0.0663	0	0.0337
Cumprimento			
Nunca	0.0001	0.0571	0.0003
2 a 6 vezes no ano	0.001	0.053	0.0026
7 a 12 vezes no ano	0.0035	0.0442	0.0065
1 vez por semana	0.0415	0.1287	0.0564
Mais do que 1 vez por semana	0.9463	0.7169	0.9312
Ida ao médico			
Nunca	0.7695	0.9626	0.7391
1 vez no ano	0.1314	0.0341	0.1387
2 a 6 vezes no ano	0.0532	0.0029	0.0617
7 a 12 vezes no ano	0.0348	0.0004	0.0443
1 vez por semana	0.0056	0	0.0079
Mais de 1 vez por semana	0.0054	0	0.0083
Fez/aceitou convite para festa ou jantar em casa			
Nunca	0.3097	0.8264	0.6008
1 vez por ano	0.1796	0.1188	0.1853
2 a 6 vezes no ano	0.2943	0.0482	0.1613
7 a 12 vezes no ano	0.1489	0.006	0.0434
1 vez por semana	0.0502	0.0005	0.0078
Mais de 1 vez por semana	0.0173	0	0.0014
Ofereceu/recebeu presentes			
Nunca	0.188	0.8724	0.4991
1 vez no ano	0.2565	0.1111	0.2873
2 a 6 vezes no ano	0.3967	0.016	0.1874

7 a 12 vezes no ano	0.1154	0.0004	0.023
1 vez por semana	0.0346	0	0.0029
Mais de 1 vez por semana	0.0088	0	0.0003
Prática de atividades de lazer em conjunto			
Nunca	0.4693	0.7907	0.7921
1 vez no ano	0.0737	0.0682	0.068
2 a 6 vezes no ano	0.1729	0.0877	0.0872
7 a 12 vezes no ano	0.1293	0.036	0.0356
1 vez por semana	0.0631	0.0096	0.0095
Mais de 1 vez por semana	0.0917	0.0077	0.0075
Perguntam se precisam de compras?			
Nunca	0.6029	0.9795	0.6487
1 vez no ano	0.0638	0.016	0.0643
2 a 6 vezes no ano	0.1011	0.0039	0.0954
7 a 12 vezes no ano	0.0651	0.0004	0.0574
1 vez por semana	0.0929	0.0001	0.0767
Mais de 1 vez por semana	0.0742	0	0.0574

QUADRO 6

Perfis dos recursos das redes

Dimensão dos <i>clusters</i>	Comunidade (53%)	Cidade (25%)	Aldeia (22%)
Das pessoas que não vivem consigo, com quantas discute assuntos pessoais, pede ajuda, conselhos ou apoio?			
Familiares próximo	4 ou mais	Até 3	—
Familiares afastados	1 ou mais	Nenhuma	—
Amigos	4 ou mais	Nenhuma	Até 3
Vizinhos	1 ou mais	Nenhuma	—
Colegas	4 ou mais	Até 3	Nenhuma
Outras pessoas	1 ou mais	—	Nenhuma
A que pessoas habitualmente recorre em situação de doença?			
	—	Marido, Mulher, colega	Familiar próximo que vive fora do lar, familiar afastado que vive fora do lar, vizinho, instituição, prefere não pedir ajuda
A que pessoas habitualmente recorre em situação de falta de dinheiro?			
	Familiar próximo que vive fora do lar, instituição de solidariedade, prefere não pedir ajuda	Amigo ou mulher, Companheiro/a, colega	Nunca pediu dinheiro
A que pessoas habitualmente recorre em situação de crise pessoal?			
	Marido, mulher, companheiro/a, vizinho, colega	Amigo, instituição de caridade, voluntariado	Familiar distante que vive fora do lar, instituição, voluntariado, prefere não pedir ajuda
No último ano com que frequência realizou estas atividades em colaboração com vizinhos?			
Olhar pela casa	Desde 1 vez no ano até mais de 1 vez por semana	Nunca	—
Cumprimento	Desde 1 vez no ano até mais de 1 vez por semana	Nunca	—
Ida ao médico	—	Nunca	Desde 1 vez no ano até mais de 1 vez por semana
Fez/aceitou convite para festa ou jantar em casa	Desde 2 a 6 vezes no ano até mais de 1 vez por semana	Nunca	1 vez no ano
Ofereceu/recebeu presentes	Desde 2 a 6 vezes no ano até mais de 1 vez por semana	Nunca	1 vez no ano
Prática de atividades de lazer em conjunto	Desde 1 vez no ano até mais de 1 vez por semana	—	Nunca
Perguntam se precisam de compras?	Desde 2 a 6 vezes no ano até mais de 1 vez por semana	Nunca	1 vez no ano

onde a densidade da rede (número de pessoas a quem pede ajuda) é elevada, onde têm disponíveis mais de quatro pessoas a quem podem recorrer e pedir ajuda, em caso de necessidade, entre os elementos da família, amigos e colegas. Neste *cluster*, o apoio financeiro é efetuado por familiares próximos que vivem fora do lar, por uma instituição, ou então preferem não pedir ajuda.

O *cluster 2*, que representa 25% dos inquiridos, revelou a importância do apoio dos familiares e colegas, e menos dos vizinhos. A rede de apoio é menor, constituída por três pessoas ou menos, e os recursos provêm dos familiares e dos colegas. Neste caso, os vizinhos têm menos importância na rede pessoal e no capital social.

O *cluster 3*, que representa 22% dos inquiridos, evidenciou níveis de desconfiança mais elevados e maior isolamento, onde se recorre genericamente aos amigos, até três, quando precisam de discutir assuntos pessoais, pedir ajuda ou apoio. Em caso de doença, pedir dinheiro ou qualquer apoio, as situações variam: no caso de doença, têm apoio dos familiares (próximos e afastados), de vizinhos, de instituições, ou preferem não pedir ajuda. No que diz respeito ao apoio financeiro, os inquiridos afirmam nunca ter precisado de pedir ajuda. Os recursos da rede de vizinhança surgem, então, pontualmente.

QI₄: QUAL É O ENVOLVIMENTO NA COMUNIDADE?

A análise da quarta componente do capital social — o envolvimento na comunidade — foi baseada na participação e envolvimento cívico na comunidade: (1) assinar uma petição; (2) participar nas discussões dos problemas do bairro; (3) organizar ou participar em boicotes, marchas de protesto ou outros movimentos; (4) contacto de um político para resolver um problema local; (5) contacto de uma estação de rádio, canal de televisão ou jornal para resolver problemas locais; (6) estar envolvido com vizinhos para defesa de interesses do bairro; (7) e ainda outras iniciativas.

A análise dos dados revelou que os três grupos apresentam um conjunto de ações desenvolvidas com o objetivo de intervir na vivência do bairro e resolver problemas; o que os distingue é a maior ou menor associação com outros vizinhos, iniciativas de caráter mais individual, ou a opinião de que não há problemas. A maioria dos inquiridos (53%), *cluster 1*, foi a que esteve envolvida em mais ações, participou em atividades para discutir problemas do bairro, contactou um político para resolver um problema local (o contacto do presidente da Junta de Freguesia de Alvalade foi o exemplo mais referido) e esteve envolvida com os vizinhos para defesa de interesses da freguesia. O *cluster 2* revelou menos formas de participação na comunidade, mas apontou colaboração nalgumas iniciativas, como por exemplo, assinatura de petições,

boicotes, marchas de protesto ou outros movimentos. Estes inquiridos também consideram não haver problemas. O *cluster 3* revelou um funcionamento de cariz mais individual, por exemplo, o de contactar uma estação de rádio, TV ou jornal e “outras iniciativas”.

QUADRO 7

Estimativas dos parâmetros do modelo com três classes latentes sobre o envolvimento na comunidade

Dimensão dos clusters	Cluster 1 53%	Cluster 2 25%	Cluster 3 22%
PARTICIPAÇÃO CÍVICA			
Assinou petições	0.1628	0.1714	0.1034
Participou em atividades para discutir os problemas do bairro	0.0805	0.0189	0.0003
Organizou ou participou em boicotes, marchas de protesto ou outros movimentos	0.0179	0.0191	0.0001
Contactou um político para resolver um problema local	0.0518	0.0002	0.0467
Contactou uma estação de rádio, TV ou jornal	0.0357	0.0002	0.0424
Esteve envolvido com vizinhos para defesa dos interesses do bairro	0.1155	0.0005	0.0863
Outras iniciativas	0.0743	0.1071	0.1509
Não há problemas	0.3599	0.5512	0.4042

QUADRO 8

Perfis do envolvimento na comunidade

	Comunidade (53%)	Cidade (25%)	Aldeia (22%)
Nos últimos dois anos desenvolveu iniciativas para resolver um problema do bairro ou da cidade?	Participou em discussões, contactou um político para resolver um problema, esteve envolvido com os vizinhos para defesa do bairro	Assinou uma petição, organizou ou participou em boicotes, marchas de protesto; não há problemas	Contactou uma estação de rádio, TV ou jornal, outras iniciativas

Q1₅: QUAIS SÃO AS CARACTERÍSTICAS DAS PESSOAS QUE EXPLICAM
A DINÂMICA DAS REDES SOCIAIS NO BAIRRO DE ALVALADE?

Para ajudar a caracterização dos inquiridos, foram analisadas várias covariáveis, também designadas de variáveis de caracterização. A análise destas variáveis permitiu qualificar os três *clusters*. O primeiro *cluster* é caracterizado maioritariamente por indivíduos casados, à procura do primeiro emprego, com religião ortodoxa ou judaica, com níveis mais elevados de educação (mestrado e doutoramento) e idades compreendidas entre os 40 e 49 anos. O segundo *cluster* é constituído principalmente por homens, solteiros, em união de facto ou separados, empregados, sem religião, níveis intermédios de educação (secundário, bacharelato ou licenciatura), com idades até aos 39 anos. O terceiro *cluster* é predominantemente constituído por mulheres, divorciadas ou viúvas, desempregadas ou reformadas, católicas, protestantes ou muçulmanas, níveis baixos de educação (até ao segundo ciclo) e mais idosas, com 50 ou mais anos.

Os resultados mostraram que os homens estão menos dependentes das redes e mais isolados, mas também são menos desconfiados (Quadro 9). As mulheres idosas revelaram-se mais isoladas (*cluster* 3), com redes mais fracas e também mais desconfiadas.

Os três *clusters* apresentam heterogeneidade entre eles e homogeneidade interna, uma característica dos Modelos de Classes Latentes, utilizados nesta investigação. Há heterogeneidade especialmente em relação à participação na comunidade, conhecimento dos vizinhos e importância das redes sociais na

QUADRO 9
Perfis dos inquiridos, segundo as covariáveis

Dimensão dos <i>clusters</i>	Comunidade (53%)	Cidade (25%)	Aldeia (22%)
GÉNERO	—	Maioritariamente Homens	Maioritariamente Mulheres
ESTADO CIVIL	Casado/a	Solteiro/a; união de facto; separado/a	Divorciado/a; viúvo/a
OCUPAÇÃO	À procura do primeiro emprego	Empregado/a; outra	Desempregado/a; reformado/a
RELIGIÃO	Ortodoxa; judaica	Sem religião	Católica; protestante; muçulmana Musslim
EDUCAÇÃO	Mestrado; doutoramento	Secundário; bacharelato; licenciatura	Nenhum, 1.º ciclo; 2.º ciclo
IDADE	40-49	Até aos 39 anos	50 ou mais anos

comunidade de vizinhança. O *cluster* 3 revelou maior desconfiança; apesar de conhecerem bem os vizinhos, os inquiridos denotaram redes de vizinhança mais fracas. Os níveis de confiança variam entre os três grupos, influenciando a estrutura da rede, os recursos, a reciprocidade e a participação na comunidade. A confiança é um elemento muito importante, e mais de dois terços apresentam elevados níveis da mesma: o *cluster* 1 é composto por residentes muito confiantes; o *cluster* 2 por residentes confiantes; e o *cluster* 3 por residentes mais desconfiados.

A implementação dos métodos mistos (explicada na Figura 1), através da integração dos dados qualitativos e quantitativos, permitiu-nos compreender e classificar os *clusters* identificados, resultado da análise de conteúdo das entrevistas, conforme previamente discutido. No primeiro *cluster*, a designação mais adequada foi *comunidade*, referida frequentemente nas entrevistas, conforme os excertos de vários residentes já analisados nas páginas anteriores, encontrada na composição da etnografia urbana e analisada nas características das redes sociais deste *cluster*. No segundo *cluster*, a designação sugerida foi *cidade*, devido às características que vulgarmente estão associadas ao modo de vida urbano. A vivência urbana destes residentes revelou maior anonimato e menores níveis de capital social. No terceiro caso, a designação sugerida foi *aldeia* — referência feita frequentemente nas entrevistas como forma de caracterizar algumas redes de vizinhança reveladoras de maior desconfiança, apesar do conhecimento generalizado dos vizinhos.

CONCLUSÃO

Neste artigo analisa-se, através de um estudo empírico, a importância do capital social e a construção de redes de vizinhança, em contexto urbano, expondo a dinâmica e os benefícios do capital social e das redes de vizinhança. Revela-se que a estrutura da rede de vizinhança, neste bairro, é maioritariamente composta por uma rede densa, apresentando um elevado grau de confiança e reciprocidade — fez (recebeu) um favor a (de) um vizinho nos últimos seis meses e partilham vários recursos que são um apoio na vida pessoal e na construção de comunidade. Estes resultados são reveladores de elevado capital social, que melhoram a vida do bairro e da cidade, podendo ser aplicados em diversas áreas. Os dados confirmam a importância da mistura social e valorização da vizinhança, inicialmente introduzidas neste projeto pioneiro de habitação.

Os resultados desta investigação mostram que a existência das unidades de vizinhança no Plano de Alvalade e a diversidade de residentes que estiveram na origem do bairro devem ser discutidas como elemento importante de

paradigma do urbanismo, que não tem sido replicado. No entanto, os resultados encontrados através dos métodos mistos permitem avançar na discussão sobre a relevância destas redes – os recursos sociais encontrados nas redes de vizinhança são um apoio importante aos residentes, que deve ser apoiado e desenvolvido. Este artigo revela que a estrutura das redes sociais de vizinhança é heterogênea, conforme sugere a existência dos três *clusters*. O primeiro, que representa a maioria dos entrevistados (53%), tem redes fortes, é composto por pessoas muito qualificadas (homens e mulheres), entre os 40 e 50 anos, com famílias mais numerosas. Essas pessoas dependem mais dos vizinhos, têm pelo menos um vizinho a quem podem recorrer em situações de necessidade. Além dos vizinhos, os seus familiares, amigos e colegas compõem a rede pessoal com quem podem contar. O segundo grupo (25%) é constituído na maioria por homens, revelam elevados níveis de confiança nos vizinhos, mas têm redes mais fracas, conhecem menos pessoas e não têm tanto apoio dos vizinhos. O terceiro grupo é composto por mulheres mais velhas, com baixas qualificações, geralmente viúvas ou divorciadas. Conhecem bem os vizinhos, mas revelam maiores níveis de isolamento e desconfiança. Os três grupos apresentaram níveis significativos de participação na comunidade.

O presente estudo denota que as redes de vizinhança diferem de acordo com idade, sexo, educação e dimensão da família; indica, também, que as mulheres e homens com famílias maiores e de meia-idade são mais propensos a obter recursos sociais da vizinhança, enquanto as mulheres mais velhas, apesar de conhecerem bem os vizinhos, são mais desconfiadas e, por isso, estão mais isoladas.

Os resultados revelam a existência de fortes redes de vizinhança neste bairro, que são uma importante fonte de capital social e um recurso para as pessoas e para a comunidade. Os autores sugerem a importância da valorização destas redes de vizinhança e a sua dinamização nas cidades e comunidades. Os efeitos positivos do capital social têm sido fundamentais para este território, mas a sua manutenção deverá ser continuada através da adequação de políticas públicas que promovam estas redes.³

3 Os autores agradecem os valiosos testemunhos de Nuno Teotónio Pereira sobre a construção do bairro de Alvalade; os contributos científicos de Hermano Carmo ao longo do desenvolvimento desta investigação, bem como as sugestões e os comentários de Mario Luis Small manifestados na apresentação de uma versão anterior deste artigo. Os autores também agradecem as sugestões de melhoria do artigo, sugeridas pelos dois revisores anónimos, bem como a revisão de Joana de Mesquita Lima.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEGRE, A. et al. (1999), "A reabilitação das casas de rendas económicas das células I e II do bairro de Alvalade". In *Urbanismo, Boletim da Direção Municipal de Planeamento e Gestão Urbanística Câmara Municipal de Lisboa*, Lisboa.
- ANDERSON, E. (1978), *A Place on the Corner: A Study of Black Street Corner Men*, Chicago, University of Chicago Press.
- ANDERSON, E. (1990), *Streetwise: Race, Class, and Change in an Urban Community*, Chicago, University of Chicago Press.
- ANDERSON, E. (1999), *Code of the Street: Decency, Violence, and the Moral Life of the Inner City*, Nova Iorque e Londres, W. W. Norton & Company.
- BAPTISTA, L. (1999), *Cidade e Habitação Social*, Oeiras, Celta Editora.
- BORGATTI, S. P. (1998), "A SOcNET discussion on the origins of the term social capital". *Connections*, 21, p. 36.
- BORGATTI, S. P., JONES, C., EVERETT, M. G. (1998), "Network measures of social capital". *Connections*, 21(2), p. 36.
- BORGATTI, S. P., et al. (2009), "Network analysis in the social sciences". *Science* 323(5916), pp. 892-895.
- BOURDIEU, P. (1980), "Le capital social: notes provisoires". *Actes de la recherche en sciences sociales*, 31, pp. 2-3.
- BRIGGS, X. (2003), "Types of social capital". In K. Chistensen, D. Levinson, (eds.) *Encyclopedia of Community: From the Village to the Virtual World*, vol. 3, Thousand Oaks, Sage.
- BRIGGS, X. (2008), *Democracy as Problem Solving: Civic Capacity in Communities Across the Globe*, Cambridge, MIT Press.
- BRYMAN, A. (2008), *Social Research Methods*, 3.^a ed., Oxford, Oxford University Press.
- BROWNING, C. (2009), "Illuminating the downside of social capital: negotiated coexistence, property crime, and disorder in urban neighborhoods". *American Behavioral Scientist*, 52, pp. 1556-1578.
- BURT, R. S. (1992), *Structural Holes: The Social Structure of Competition*, Cambridge, Harvard University Press.
- BURT, R. S. (1997), "The contingent value of social capital". *Administrative Science Quarterly*, 42(2), pp. 339-365.
- BURT, R. S. (2000), "The network structure of social capital". In Robert I. Sutton e Barry M. Staw (eds.), *Research in Organizational Behaviour*, 22, JAI Press, pp. 345-423.
- BURT, R. S. (2009), *Neighbor Networks. Competitive Advantage Local and Personal*, Oxford, Oxford University Press.
- CARMO, R. M. (2010), "Albernoa revisited: tracking social capital in a Portuguese village". *Sociologia Ruralis*, 50(1), pp. 15-30. DOI: 10.1111/j.1467-9523.2009.00499.x
- CARMO, H., FERREIRA, M. (2008), *Metodologia da Investigação, Guia para Auto-Aprendizagem*, Lisboa, Universidade Aberta.
- CLARK, V. P., CRESWELL, J. W. (2010), *Designing and Conducting Mixed Methods Research*, Thousand Oaks, Sage.
- COLEMAN, J. (1988), "Social capital in the creation of human capital". *American Journal of Sociology*, 94, pp. 95-120. DOI: 10.1086/228943
- CORDEIRO, G. I., BAPTISTA, L. V., COSTA, A. F. (eds.) (2003), *Etnografias Urbanas*, Oeiras, Celta Editora.

- COSTA, A. F. (1999), *Sociedade de Bairro. Dinâmicas Sociais da Identidade Cultural*, Oeiras, Celta Editora.
- COSTA, J. P. (2002), *Bairro de Alvalade — um Paradigma do Urbanismo Português*, Lisboa, Livros Horizonte.
- COELHO, P. B., COELHO, A. B. (2009), *Habitação de Interesse Social em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte.
- EMERSON, R. M., et al. (1995), *Writing Ethnographic Fieldnotes*, Chicago, Chicago University Press.
- FISCHER, C. (2005), “Review essay: ‘bowling alone: what’s the score?’”. *Social Networks*, 27(2), pp. 155-167.
- FLICK, U. (2009), *An Introduction to Qualitative Research*, Londres, Sage.
- FONSECA, J. R. S. (2009), “Customer satisfaction study via a latent segment model”. *Journal of Retailing and Consumer Services*, 16(5), pp. 352-359.
- FONSECA, J. R. S., XEREZ, R. (2013), *How Latent Class Models Matter to Social Network Analysis and Mining: Exploring the Emergence of Community*. In T. Özyer et al. (eds.), *The Influence of Technology on Social Network Analysis and Mining, Lecture Notes in Social Networks*, 6, Springer-Verlag Wien, pp. 563-587.
- FONSECA, J. R. S. (2013a), “Clustering in the field of social sciences: that’s your choice”. *International Journal of Social Research Methodology*, 16(5), pp. 403-428.
- FONSECA, J. R. S. (2013b), “How satisfied are citizens with public hospitals’ service?”. *International Journal of Healthcare and Quality Assurance*, 26(6), pp. 522-535.
- FONSECA, J. R. S., CARDOSO, M. (2007), “Mixture-model cluster analysis using information theoretical criteria”. *Intelligent Data Analysis*, 11(2), pp. 155-173.
- FORREST, R., KEARNS, A. (2001), “Social cohesion, social capital and the neighbourhood”. *Urban Studies*, 38(12), pp. 2125-2143.
- FUKUYAMA, F. (1995), *Trust: the Social Virtues and the Creation of Prosperity*, Londres, Hmish Hamilton.
- GANS, H. (1962), *The Urban Villagers*, Nova Iorque, Free Press.
- GANS, H. (1967), *The Levittowners*, Nova Iorque, Columbia University Press.
- GLANVILLE, J., BIENENSTOCK, E. (2009), “A typology for understanding the connections among different forms of social capital”. *American Behavioral Scientist*, 52(11), pp. 1507-1530.
- GRANOVETTER, M. (1973), “The strength of weak ties”. *American Journal of Sociology*, 78, pp. 1360-1380.
- GRANOVETTER, M. (2004), “The impact of social structures on economic development”. *Journal of Economic Perspectives* 19(1), pp. 33-50.
- HANNERZ, U. (1969), *Soulside: Inquiries into Ghetto, Culture and Community*, Chicago, University of Chicago Press.
- JACOBS, J. (1961), *The Death and Life of Great American Cities*, Nova Iorque, Random House.
- JANARRA, P. (1994), *A Política Urbanística e a Habitação Social no Estado Novo. O Caso do Bairro de Alvalade de Lisboa (entre o Projecto e o Concretizado)*. Tese de mestrado, Lisboa, ISCTE.
- LAZARSFELD, P., HENRY, N. W. (1968), *Latent Structure Analysis*, Boston, Houghton.
- LIN, N. (2001), *Social Capital: a Theory of Social Structure and Action*, Cambridge, Cambridge University Press.
- LIN, N. (2008), “A network theory of social capital”. In Castiglione et al. (eds.) *Handbook of Social Capital*, Oxford e Nova Iorque, Oxford University Press, pp. 50-69.
- MAGALHAES, P. (2008), “Redes sociais e participação eleitoral em Portugal”. *Análise Social*, 188, pp. 473-504.

- MIDDLETON, A., MURIE A., GROVES, R. (2005), "Social capital and neighbourhoods that work". *Urban Studies*, 42(10), pp. 1711-1738.
- MOODY, J., PAXTON, P. (2009), "Building bridges: linking social capital and social networks to improve theory and research". *American Behavioral Scientist*, 52(11), pp. 1491-1506.
- NEVES, B. B., FONSECA, J. R. S. (2015), "Latent class models in action: bridging social capital & internet usage". *Social Sciences Research*, 50, pp. 15-30.
- NEWMAN, W. L. (2003), *Social Research Methods*, Nova Iorque, Allyn and Bacon.
- NUNES, J. P. (2013), "O programa habitações de renda económica e a constituição da metrópole de Lisboa". *Análise Social*, 206, pp. 82-100.
- PAXTON, P. (1999), "Is social capital declining in the united states? A multiple indicator Assessment". *American Journal of Sociology*, 105(1), pp. 88-127.
- PAXTON, P., MOODY, J., (2009), "Continuing to build bridges: more on linking social capital and social networks". *American Behavioral Scientist*, 52(12), pp. 1611-1612.
- PEREIRA, N. T. (1994), "Pátios e vilas de Lisboa, 1870-1930: a promoção privada do alojamento operário". *Análise Social*, 127, XXIX (2.º), pp. 509-524.
- PEREIRA, N. T. (1998), "A arquitectura do regime 1938-1948". In A. Becker, A. Tostões e W. Wang (orgs.). *Arquitectura do Séc. xx*, Prestel, Deutsches Architektur Museum, pp. 33-41.
- PINA-CABRAL, J. (1983), "Notas críticas sobre a observação participante no contexto da etnografia portuguesa". *Análise Social*, 76, XIX (1.º), pp. 327-339.
- PORTAS, N. (1973), "A evolução da arquitectura moderna em Portugal". In B. Zevi (ed.) *História da Arquitectura Moderna*, Lisboa, Arcadia, pp. 730-744.
- PORTES, A. (1998), "Social capital: its origins and applications in modern sociology". *Annual Review of Sociology*, 24, pp. 1-24.
- PUTNAM, R. (1995), "Bowling alone: America's declining social capital". *Journal of Democracy*, 6(1), pp. 65-78.
- PUTNAM, R. (2000), *Bowling Alone: The Collapse and Revival of American Community*, Nova Iorque, Simon & Schuster.
- RUBIN, I. S., RUBIN, H. R. (2005), *Qualitative Interviewing: The Art of Hearing Data*, Londres, Sage.
- SANCHES, F., ATOUGUIA, R. (1954), "Blocos de habitação na célula 8 do bairro de Alvaladé". *Arquitectura*, 3(XXVI), pp. 5-23.
- SCHUTT, R. (2004), *Investigating the Social World: the Process and Practice of Research*, Londres, Pine Forge Press.
- SEIXAS, J. (2008), "Estruturas e dinâmicas do capital sociocultural em Lisboa". In M. Villaverde Cabral, F. Carreira da Silva e T. Saraiva (eds.), *Cidade & Cidadania Governança Urbana e Participação Cidadã*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, pp. 177-210.
- SILVA, C. N. (1994), "Mercado e políticas públicas em Portugal: a questão da habitação na primeira metade do século xx". *Análise Social*, 127 (3), pp. 655-675.
- SMALL, M. L. (2004), *Villa Victoria: the Transformation of Social Capital in a Boston Barrio*, Chicago, University of Chicago Press.
- SMALL, M. L. (2009a), *Unanticipated Gains: Origins of Network Inequality in Everyday Life*, Nova Iorque, Oxford University Press.
- SMALL, M. L. (2009b), "How many cases do I need?: on science and the logic of case selection in field based research". *Ethnography*, 10(1), pp. 5-38.
- SUTTLES, G. D. (1968), *The Social Order of the Slum: Ethnicity and Territory in the Inner City*, Chicago, University of Chicago Press.

- SUTTLES, G. D. (1972), *The Search for Community*, Chicago, University of Chicago Press.
- TASHAKKORI, A., TEDDLIE, C. B. (1998), "Mixed methodology: combining qualitative and quantitative approaches". In A. Tashakkori, C. B. Teddlie (eds.), *Handbook of Mixed Methods Social and Behavioral Research*, Thousand Oaks, Sage, pp. 3-17.
- TELLES, G. R. (1953), *Memória Descritiva do Projecto da Arquitectura Paisagista para a Avenida D. Rodrigo da Cunha*.
- TÖNNIES, F. (1955[1887]), *Community and Societ*, Londres, Routledge & Kegan Paul.
- TOSTÕES, A. (1994), "O bairro de Alvalade". In I. Moita (ed.), *O Livro de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, pp. 519-522.
- VENKATESH, S. (2008), *Gang Leader for a Day: a Rogue Sociologist Takes to the Streets*, Nova Iorque, Penguin Press.
- WEISS, R. (1994), *Learning from Strangers: The Art and Method of Qualitative Interview Studies*, Nova Iorque, Free Press.
- WELLMAN, B. et al. (2001), "Does the internet increase, decrease, or supplement social capital? Social networks, participation, and community commitment". *American Behavioral Scientist*, 45(3), pp. 437-456.
- XEREZ, R. (2015), "Creating neighbourhood networks: why the Alvalade landscape matters to housing". *Open House International*, 40(1), pp. 48-53.

Recebido a 13-09-2016. Aceite para publicação a 04-01-2019.

XEREZ, R., FONSECA, J.R.S. (2019), "Capital social e redes de vizinhança nas cidades: o caso do bairro de Alvalade". *Análise Social*, 232, LIV (3.º), pp. 562-593.

Romana Xerez » rxerez@iscsp.ulisboa.pt » Centro de Administração e Políticas Públicas, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa » Rua Almerindo Lessa — 1300-663 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0003-0278-3662>.

Jaime R. S. Fonseca » jaimefonseca@iscsp.ulisboa.pt » Centro de Administração e Políticas Públicas, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Universidade de Lisboa » Rua Almerindo Lessa — 1300-663 Lisboa, Portugal » <https://orcid.org/0000-0003-2549-5823>.
